

Naiara Messias Alves

A música caipira no espaço urbano e a construção da identidade

CELLAC/ECA-USP
2011

Naiara Messias Alves

A música caipira no espaço urbano e a construção da identidade

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura produzido sob a orientação do Prof. Dr. Dennis Oliveira.

CELLAC/ECA-USP
2011

*“Qualquer idiota consegue ser jovem.
É preciso muito talento pra envelhecer.”*
Fernando Pessoa

Agradecimentos

A Deus, minha família, parentes, amigos, ao meu namorado Saulo Cabral, a minha amiga Lilian Castilho, aos violeiros da Associação e o Prof. Dr. Juarez Xavier que acreditaram em minha capacidade e me proporcionaram todo incentivo à pesquisa. Este artigo é resultado em superar barreiras e mostrar que o esforço dedicado foi de extremo amor e capacidade pela busca incessante da comunicação na área cultural. A todos, muito obrigada.

Resumo

O presente artigo científico tem como objetivo mostrar a mudança da música caipira no ambiente urbano. A Associação Amigos Violeiros de Embu (ASAVE), promove a cultura com seu estilo da música caipira¹. Neste trabalho, esse conceito de “caipira” está ligado ao homem do campo, o habitante da roça que agora vive na cidade. Nos versos, a música oferece o canto de caipiras preocupados em manter suas raízes. Com o toque no violão, o som vem da sobrevivência de violeiros que cultivam a música caipira do campo. Os violeiros da ASAVE reforçam o ritmo caipira na cidade considerada rica em eventos culturais.

Palavras-chave: música caipira, linguagem, cultura rural e urbana, identidade.

¹ Os violeiros da Associação Amigos Violeiros de Embu (ASAVE) reforçam o ritmo caipira na cidade considerada rica em eventos culturais, Embu, hoje nomeada como Embu das Artes, devido ao um plebiscito que ocorreu no primeiro semestre de 2011.

Abstract

This scientific paper aims to show the change of “caipira” music in the urban environment. The Association of Guitar Player Friends of Embu (ASAVA) promotes culture with its caipira music style. In this paper, this concept of "caipira" is related to the country man who moved from the fields to live in the city. Throughout the verses, their music provides the chant of caipiras concerned with maintaining its roots. When they play the guitar, the sound expresses the survival of guitarists who cultivate the caipira country music. The guitarists from Asava reinforce the caipira rhythm in a city considered rich in cultural events.

Keywords: caipira music, language, country and urban cultures, identity.

Resumen

Este artículo científico tiene como objetivo mostrar el cambio de la música caipira en el entorno urbano. La Asociación de Amigos Guitarristas de Embu (ASAVA) promueve la cultura con su estilo de música caipira. En este trabajo, este concepto de "caipira" está relacionado con el hombre del campo que ahora vive en la ciudad. En los versos, la música ofrece el canto de caipiras que se preocupan por mantener sus raíces. Con el toque en la guitarra, el sonido proviene de la supervivencia de los guitarristas que cultivan la música caipira del campo. Los guitarristas de la Asava refuerzan el ritmo caipira en la ciudad considerada rica en acontecimientos culturales.

Palabras clave: música caipira, lenguaje, cultura rural y urbana, identidad.

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Música caipira e seu deslocamento.....	13
1.1 Autores da música da roça	14
2. Associação de cultura na cidade	17
2.1 Memorial.....	18
2.2 A valorização do estilo caipira.....	19
Considerações finais	22
Referências.....	23
Bibliografia.....	23
Discografia.....	23
Anexos.....	25
Apêndices.....	29

Introdução

Com o desenvolvimento urbano, os moradores do campo tiveram que acompanhar o crescimento demográfico e conviver no espaço urbano. A perda de itens culturais vividos nos sítios agora são lembrados e cantados na cidade. Com essa alteração de habitat, os versos e o violão ainda marcam presença em meio ao desenvolvimento urbano. Como na Associação Amigos Violeiros de Embu (ASAVE), que resgata na música, a forma cultural do passado. Um modelo de como a transposição do campo para a cidade trouxeram para os violeiros os significados de sentimentos e contextos culturais. Esse deslocamento requer uma passagem de espaço e preservação dos costumes no campo.

Esse artigo é voltado aos leitores que tem um olhar mais crítico para a construção dessa leitura cultural da música caipira, onde para a boa comunicação é necessário manter um leitor sadio de informação, rico em cultura caipira. Durante a pesquisa foi utilizado a pesquisa de campo em Embu das Artes-SP, com os violeiros da Associação Amigos Violeiros de Embu (ASAVE), entrevista semiestruturada, observação- participação da festa “Prosa e Viola”². A poeira que agora tem o cheiro do asfalto reflete algumas das mudanças físicas que os violeiros resgatam na cidade em meio aos contrastes físicos e sentimentais. O que antes era no campo e hoje se encontra na música caipira cantada no espaço urbano.

Desde o início do século XX, a música caipira manteve-se com o som das vivências sítianas do Brasil. Com o perfil de uma linguagem da roça, os grandes violeiros como João Pacífico, relatava na música, as sílabas e o vocábulo apertado, para que assim não se perdesse o valor de cada nota musical. O sertanejo João Pacífico também ofereceu sucessos como “No Mourão da Porteira”,

² “Prosa e Viola”, festa realizada pelos violeiros no dia 16 de setembro de 2011 e foi analisada a música dos violeiros e o público participante.

que além de descrever a saudade da amada, deixa presente o vocábulo sem exigência do dicionário, estilo musical da moda caipira. Moda, no sentido da tendência enraizada na vida do homem campestre. Com isso, reproduzia-se a sintonia da linguagem na música caipira. Os violeiros ofereciam o ritmo rural para o público do asfalto, para que a forma de cantar não fosse rasurada. E com isso, a vinda de alguns artistas da música caipira para as grandes cidades que mostravam a vida na roça. A Estrada de Ferro Sorocabana-SP foi um desses marcos, que com o desenvolvimento industrial teve a passagem das linhas férreas para o transporte de café e açúcar. Aos poucos, a urbanização trouxe com ela a migração dos caipiras (homens da roça) violeiros para a cidade. Os versos diziam na viola como tudo é rico de sentidos nas histórias no campo. O sabor de carregar o que era bem vindo na terra chega através dos violeiros até a cidade.

Aos poucos, violeiros e cantores surgiram no campo da música. Cornélio Pires trouxe a música caipira na indústria fotográfica e até pagou do próprio bolso os primeiros discos. Ele, porém, reclamou das transformações tecnológicas na década de 1940, “o automóvel, o telefone, o rádio invadiram fazendas e sítios. Acho que os meios rápidos de comunicação tiraram o encanto da roça” (NEPOMUCENO, 1999, p.40). Mesmo com esse avanço positivo para o desenvolvimento, hoje alguns violeiros conseguem manter o estilo caipira para as cidades grandes. E por isso, que este artigo visa acompanhar a Associação Amigos Violeiros de Embu (ASAVE), e responder como a música caipira acompanhou a urbanização. No perfil teórico, Stuart Hall coloca as estruturas e processo das sociedades modernas no contexto de reinvenção da identidade.

O novo pertencimento das identidades surge no aspecto das culturas, que forma uma visão “deslocada” da modernidade. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p.10).

A mudança tardia está presente na modernidade, onde as condições são a globalização e seu

impacto cultural. Aliado a identidade a essa modernidade tardia, é com essa essência que Marx descreve seu argumento:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eterno... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar. (MARX e ENGELS, 1973, p. 70)

As transformações, positiva ou negativa, mostra que a mudança possa ser social ou virtual. Assim, o deslocamento de pessoas em seu espaço, é modificado com as estruturas culturais em que vive. No livro de Stuart Hall, o autor apresenta a mudança da modernidade tardia.

A modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de convivência com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida. (HALL, 1987, p. 16)

Com essa rapidez, a sociedade se classifica de tradicionais para as modernas. A entidade ASAVE de Embu, na qual foi o recorte do estudo, mantém a música caipira dos cantores antigos para que assim a cultura regional não seja esquecida. A valorização do caipira deve ser enraizada nos grandes centros. E como a enunciação das palavras do linguísta russo Mikhail Bakhtin, relata que a linguagem é a fala de cada comunidade. “O sistema sincrônico da língua só existe do ponto de vista da consciência subjetiva do locutor de uma dada comunidade linguística num dado momento da história.” (BAKHTIN, 2004, p.91).

A associação tem a participação de duplas, na maioria pessoas da terceira idade³, são os cantores e violeiros com mais de 60 anos. Devido ao grande número da expectativa da vida, as

³ De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde) classifica como idoso todo indivíduo com 60 anos ou mais em países subdesenvolvidos, aumentando a idade para 65 anos nos países desenvolvidos. A OMS estima que até 2050, o Brasil será o sexto país com maior número de pessoas idosas.

administrações municipais estão apostando nos trabalhos voltados à terceira idade. Nos bailes, o ritmo caipira é predominante, principalmente nas cidades do interior, pois os frequentadores desses encontros residem na cidade, mas carregam a vivência caipira do passado no campo.

E como essa transição geográfica afetou o estilo caipira? Agora no espaço urbano, as pessoas aceitaram a música caipira da mesma forma que era cultivada. Pois os frequentadores são consumidores dessa cultura.

1. Música caipira e seu deslocamento

Saltando do estilo musical, João Batista da Silva, que foi conhecido como João Pacífico, apelidado devido ao temperamento tranquilo, se tornou o compositor-referência da música que traduzia o Brasil rural, bucólica, romântica. Esse perfil musical, foi construído na capital paulista, pois o compositor carregava consigo poesias rabiscadas em papel amassado trazidas do interior. A partir desse início de transição, campo versus cidade, mais caipiras violeiros tomaram permanência na cidade de São Paulo.

Com a vinda de remanescentes rurais, a capital tomava um espaço da enunciação de uma análise da linguagem. Enquanto, no interior ao pé da letra era levado com o sentido-sentimento das palavras, o sentido gramático era desconhecido ou até mesmo ignorado pelos caipiras; pois o que importa era a essência da cantoria.

No modelo de filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, o linguísta observa o fundamento marxista na questão lexical. “A palavra nativa é percebida como um irmão, como uma roupa familiar, ou melhor, como a atmosfera na qual habitualmente se vive e se respira” (BAKHTIN, 2004, p.100).

E essa linguagem é entrelaçada aos versos caipiras no século XXI. A mudança do espaço rural para o urbano é baseado em um contexto linguístico e de desenvolvimento geográfico. Com a vinda do progresso, o deslocamento dos violeiros no espaço diferente exige uma desenvoltura para que não se perca as raízes de uma vida sitiada. O modo de viver na cidade acontece com a extrema rapidez que no campo não é prioridade. O levantar cedo para os caipiras é de total aproveitamento do dia, saber condicionar aquele tempo no momento exato. Enquanto, na cidade, o acordar cedo é compromisso e responsabilidade, pois a ida até o destino demanda vários embarques e desembarques (ônibus, metrô, trem). Esse é apenas um pequeno fato de que como o tempo

representa para os habitantes rurais e urbanos. E como fica a mudança da música caipira para esse ambiente? Comparado a vida caipira tradicional, o autor Antonio Cândido, em sua obra “Os Parceiros do Rio Bonito”, assume sobre sua visão do campo, “a vida social do caipira assimilou e conservou os elementos condicionados pelas suas origens nômades”. (CÂNDIDO, 2001, p.47)

E a urbanização no estilo musical, está refletiva na Associação Amigos Violeiros de Embu, onde vários moradores que antes viviam nos sítios acompanharam o desenvolvimento municipal e agora residem na cidade e se reúnem para lembrar da boa música da roça. A maioria são pessoas da terceira idade, são os que mais continuam com os versos. E com isso, a moda inviolada é um ponto importante para manter a cultura campestre.

1.1. Autores com estilo da roça

Para conduzir esse mapeamento do campo para a cidade, o jornalista sem formação acadêmica José Hamilton Ribeiro carregou suas raízes para mídia televisiva. O programa Globo Rural, da emissora Rede Globo, ofereceu a abertura cultural do campo vista por toda classe social, principalmente para os moradores da área rural, pois são eles que acordam cedo para aproveitar o tempo. Mas, não que os habitantes da cidade grande possam ficar desatualizados sobre essas matérias, eles também são telespectadores. No universo caipira, o cultural é marcado pelo comportamento, estilo, culinária e a sociabilidade com seu modo de ver as questões da civilização.

José Hamilton produzia suas matérias com o foco de mostrar como a maneira de viver no campo era de modo qualitativo, pois oferecia conhecimento rural para os habitantes do asfalto. A partir desse trabalho televisivo, o destaque nas roças teve seu tempo garantido na urbanização. Além de feiras agropecuárias, o programa Globo Rural sai da mesmice e mostra as boas ideias dos sitianos. E Hamilton, que veio do interior para a capital, carrega em cada matéria o gosto de um

caipira que sabe o valor do campo e da música caipira. Ele é autor do livro “Música Caipira- As 270 maiores modas de todos os tempos”, que reúne o estilo musical das décadas passadas. O jornalista conhece o campo, a cidade e carrega o que não se apaga, a música caipira e madura por suas raízes. Sua visão é amplamente caracterizada pelo modelo do campo que não se perde na capital paulista. Hamilton reside em São Paulo, mas se alimenta das saudades passadas de um homem vivido no campo.

E nesse mundo cultural, a presença feminina também está atuante até os dias de hoje. Profunda conhecedora da cultura popular, Inezita Barroso é referência nesse repertório que inicia e termina na roça. Em 1940, foi graduada em Biblioteconomia, Inezita já gostava de cantar e tocar violão. A leitura assídua por Mário de Andrade trouxera cada vez mais a admiração pelo folclore. Ela não mede as palavras e assume no livro “Música Caipira-da roça ao rodeio”, da autora Rosa Nepomuceno, a seguinte prosa: “Folclore é coisa sagrada e guitarra em música caipira um sacrilégio” (BARROSO, 1999, p.326).

Como defensora da música caipira é apresentadora há mais de 20 anos no Programa da TV Cultura, “Viola, Minha Viola”, enfatiza a música folclórica e caipira como cultura popular. Características simples como da vida no campo são destaques visuais no cenário urbano. Redes coloridas, poltrona de aconchego, lampiões, pequenas descrições para o público da terceira idade e até jovens que valorizam a viola e violão do bom caipira que hoje vive na cidade.

Duplas regionais, nomes ainda desconhecidos pela mídia, cantam os que bons renomados caipiras brasileiros compuseram nas décadas passadas. Novos versos também são tocados para a plateia e a violeira Inezita admira a cultura caipira agora no cenário sem céu aberto.

Essas figuras culturais vão a campo do asfalto para que raízes sejam fincadas e ainda mais valorizadas. Com o forte dessa linguagem, a representatividade pode ser levada pela função poética. Mesmo com uma separação cultural (campo e cidade), os versos essenciais da música caipira são

clássicos memoráveis. Coloca-se em questão a ousadia de quem desfruta de um carácter que não é construído.

1. Associação de cultura na cidade

A ASAVE (Associação Amigos Violeiros de Embu)⁴ surgiu com a ideia de preservar os valores culturais do universo caipira e seus reprodutores culturais. Duplas que tem a cultura de raiz para que assim a saudade do passado possa ser encontrada na música.

Os frequentadores são ex-moradores (maioria da terceira idade) das regiões rurais que hoje convivem com a urbanização. Toda semana se reúnem para os toques de violão, o bom motivo dos encontros. Cerca de vinte violeiros se encontram em uma creche, no bairro de Engenho Velho, em Embu das Artes, pois ainda não conseguiram um espaço exclusivo para associação, mas para eles, o que vale é a reunião ouvida pela música. O espaço físico não é algo que incomoda o grupo, o que é de valor na cidade é o bom tempo cantado nas noites. Uma pequena área, mesa estreita, com bancos de madeira, cadeiras da creche são apoios para o grupo que preservam seus costumes na música. O que o campo fisicamente não traz de volta, hoje esse valor pode ser recordado na música.

Além de ensaios para apresentações em cidades do interior e até nas capitais brasileiras, os integrantes da viola realizam a festa intitulada “Prosa e Viola”, um festival de sopas e moda de roça.

Para aproximar o passado com o presente, em 2010, apresentaram uma peça teatrando o natal de roça, isso mantém acesso o perfil desses habitantes que guardam um vocábulo rico de palavras e sentimentos.

Um dos diretores de eventos da associação é Silvio Yazbek, filho de um dos fundadores da ASAVE, Oscar Yazbek, que sempre está presente nos encontros. Assim, o estilo é passado em gerações para que a associação não perca a essência da música. As reuniões são marcadas com violão, sanfona e memória acessa desse grupo que não mede esforço de cantar e tocar. A cultura é vista na cidade e em toda redondeza. Encontros musicais e principalmente culturais são agendados

⁴ Foi fundada em 1998, na cidade de Embu das Artes-SP, a entidade ASAVE (Associação Amigos Violeiros de Embu).

durante o ano todo, para que assim, os costumes caipiras não sejam esquecidos. Desde interior de São Paulo até Minas Gerais, os violeiros da ASAVE já participaram. Aos poucos, a associação ganhou cantores jovens da região de Embu das Artes. Mesmo que o passado desses jovens seja diferente comparados aos violeiros mais velhos, o sentimento é colocado na música, pois o amor é um dos símbolos da música caipira. Intercalando os estilos, José Hamilton Ribeiro se encaixa nesse jeito de antes rural e hoje rural-cidade. Pois sua rotina na cidade grande não é abandonada pelas “ruas sem porteiras”, no sentido de empecilhos só por não estarem no espaço antes conhecido.

2.1 Memorial

O que mais instiga essa pesquisa é como os integrantes da associação se encontram com o passado. Mesmo no ambiente urbano, eles não esquecem e rememoram o passado. As músicas têm um cenário bem descritivo de saudade da natureza, os fenômenos físicos, como a sutileza da calmaria no rio, a onomatopeia que trazem uma riqueza de sossego. E lidar com esse deslocamento parecer ser maleável, pois acompanhar o desenvolvimento faz parte da evolução. Essa saudade dos violeiros é demonstrada com os aspectos emocionais, um fator mais agravante citados nos versos, mas a nostalgia é saudável, onde a volta ao passado é vista com sorrisos.

O deslocamento urbano é apenas um espaço novo e presente para os integrantes, o que é valorizado é manter essa cultura caipira na cidade. A saudade é uma estação dentro de cada pessoa, que guardada na memória traz a tona cada destaque de texto. Como palavras que no som da viola é colocada em êxtase do pensamento.

Essa construção da memória é um trabalho intensamente do grupo. O universo de significados tem essa base de forma histórica descritiva no pensamento, e com isso, a maneira de viagem ao passado pode ser livre indiferente do espaço físico.

a matéria-prima da recordação não aflora em estado puro da linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado. (BOSI, 1994, p. 64)

2.2 A valorização do estilo caipira

Para uma das integrantes da associação, Joana Francisco Cardodo, 71 e seu esposo Francisco Pires Cardoso, 79, forma a dupla Duo Floresta (nome para mesclar a natureza e música). Para a cantora que há mais de 30 anos carrega na garganta versos do passado, ela assume que hoje os jovens não sabem mais o que é música, “tudo para eles é batidão, não conhece o gênero, os valores da terra (café, arroz), tudo é a cultura da roça”.

A associação oferece um projeto para as crianças, para que os pequenos possam manifestar e levar a música caipira para toda vida. Ensinar esse público novo que a cultura de roça não deve se perder a tanta urbanização. Além de memorial, as características rurais podem ser notadas. O chapéu de palha, a botina, violão e boas lembranças de fenômenos naturais (sol, rio, pássaro, tranquilidade) são vistos nos encontros. Com esse modelo de sítio permanece em cada violeiro, um passo de costumes e valores.

Cenários construídos são valores de uma identidade móvel, pois o espaço é outro, mas a descrição na memória não se engana. As letras nas músicas têm um sentido articulado que remota o passado. Na música “Caboclo da roça”, de Cristal e Diamante revela a transição visual e sentimental do campo para a cidade. São detalhes de valores de identidade que para os residentes de um antigo campo pesa no ponto de vista do violeiro. E um o ponto essencial a ser destacado é que a

dupla Cristal e Diamante não têm mais de 60 anos, mostrando que a memória está no passado, tradições que passam de geração em geração.

CABOCLO DA ROÇA-CRISTAL E DIAMANTE

EU SOU UM CABOCLO DA ROÇA
LÁ EU TINHA FELICIDADE
DEIXEI MINHAS LINDAS PAISAGENS (natureza)
E VIM MORA NA CIDADE (transição)
EU AQUI JÁ ESTOU TÃO TRISTE
PORQUE NÃO TENHO LIBERDADE
SÓ SE VÊ VIOLÊNCIA (problemas da cidade)
LUXO E VAIDADE

Para o casal de cantores, Ribamar e Praianinha, a beleza da natureza aliado à desilusão do fim de um casamento é um ponto-chave da lembrança. Os sentimentos, como solidão, esperança e a destreza de descrever “igrejinha da serra”, faz do caipira com a boa memória de guardar momentos construídos, e isso, são valores de caipira reinventado na cidade.

RIBAMAR E PRAIANINHA-EU E O CANÁRIO

NA IGREJINHA DA SERRA (lembrança-descrição)
UM DIA EU ME CASEI
DIANTE DO ALTAR SAGRADO (religião)
MEU SOBRENOME EU LHE DEI
NA HORA DO CASAMENTO
UM CANARINHO CANTOU
CRESCER A MINHA ESPERANÇA
AO ENTREGAR A ALIANÇA
ME DEI MEU GRANDE AMOR

Já para o casal Duo Floresta, que carrega no nome a valorização da natureza, tem motivos de sobra para lembrar do passado. O casal Joana Francisco Cardodo, 71 e seu esposo Francisco Pires

Cardoso, 79, levam da saúde mental aos versos caipira da saudade. Mesmo com o pé no asfalto, as raízes do campo são rememoradas. A descrição do movimento dos pássaros, o zelo de observar os cantos da memória e compor a saudade da natureza estão presente nos versos.

DUO FLORESTA-CONTEMPLANDO A NATUREZA

A LARANJEIRA
SABIÁ COMI RAMINHO
COM CUIDADO FAZ SEU NINHO (tempo-observação)
ENTRE ESPINHOS E CIPÓS
E EU ALI OBSERVANDO SEU JEITINHO
VAI TRANÇANDO OS GALHINHOS
PARECENDO DAR UM NÓ
MINHA CASINHA
MUITO SIMPLES (valores)

Considerações finais

Com o acompanhamento do cenário urbano visto pela saudade do campo, a linguagem musical não perdeu suas raízes. A mudança geográfica não afetou a essência da música caipira, pois essa passagem só resultou no memorial do grupo da Associação Amigos Violeiros de Embu das Artes.

A urbanização trouxe um espaço novo, com rotinas totalmente diferentes, mas que não afetou os conservadores dessa cultura caipira. Os consumidores da cidade acompanham essa modernidade citiana que retrata uma recordação de geração. O processo de identificação de espaço é nulo, o que resulta em totalidade é a memória de uma sociedade rural. Na associação, o sentido do campo é visto no violão, chapéu de palha e os versos de uma língua que só o passado diz.

E com a expectativa de vida aumentando, o número de associados será constante, devido a boa memória das pessoas da terceira idade carregar essa cultura. O reproduzir é móvel, independente do espaço físico, o que importa na linguagem da música caipira no espaço urbano é o valor cultural da música.

Referências

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 11 ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2011.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Alternativas metodológicas para a produção científica**. São Paulo: CELLAC-ECA-USP, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.
- MELO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira - Da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- RIBEIRO, José Hamilton. **Música Caipira - As 270 maiores modas de todos os tempos**. São Paulo: Editora Globo, 2006.
- SOUSA, Walter de. **Moda Inviolada**. São Paulo: Quiron, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- TRINDADE, Raquel. **De Aldeia de M'Boy a Terra das Artes**. São Paulo: Editora Noovha America, 2011.

Discografia

- CAPITÃO REIS E CAMPIONEIRO. **Mudança de vida**
- CARLOS KAON E MARY. **Forte sedução.**
- CARDOSO E CAÇULA. **Espora Prateada.**
- CRISTAL E DIAMENTE. **Caboclo da roça.**
- DEQUEIROZ. **Histórias reais.**
- DIVAN E DEVANEI. **Mexe, mexe.**
- DUO FLORESTA. **Contemplando a natureza.**
- ÉLCIO DIAS. **No fundo do meu coração.**
- ESPIGÃO E CARMEL. **Lágrimas de um rio.**

GEOVÂNIO E GEOVANITO. **Lua da Colina.**
JEAN CARLOS E RAFAEL. **O seu olhar ficou no meu.**
JOÃO DA GAITA. **Como tudo mudou.**
JULIANA ANDRADE E JUCIMARA. **As violeiras do Brasil.**
MARINENSE E JARAGUÁ. **Peito de aço.**
MIRAN E MARCOS. **Tenho certeza demais.**
RIBAMAR E PRAIANINHA. **Os canários do sertão.**
RIBEIRO E BRAGANTINO. **Lamento do Sertão.**
TEIXEIRITO. **Amor divino.**
THÁCIO CÂNDIDO. **Viola tocando assim.**
TRIO ANDARAÍ. **Agita aí.**
VANDO E VANDINHO. **Atriz de novela.**
VENUTO E MARTINS. **Tributo à Osíris.**
WELLINGTON E WESLEY. **Lenda de amor.**
ZÉ DA SANFONA E AFONSINA. **A bebida.**

Anexos

Logo marca da Associação Amigos Violeiros de Embu.





Os violeiros da ASAVE em comemoração do 13º aniversário da associação



A dupla Duo Floresta em apresentação na praça central de Embu das Artes-SP



O passeio de maria-fumaça em Jaguariúna-SP é acompanhado de muita música caipira



Na festa de Santa Cruz (2009), além dos violeiros, a comunidade participa das cantorias

Apêndices

Algumas músicas dos violeiros que já passaram pela associação e alguns que permanecem.

CABOCLO DA ROÇA-CRISTAL E DIAMANTE

EU SOU UM CABOCLO DA ROÇA
LÁ EU TINHA FELICIDADE
DEIXEI MINHAS LINDAS PAISAGENS (presença visual)
E VIM MORA NA CIDADE
EU AQUI JÁ ESTOU TÃO TRISTE
PORQUE NÃO TENHO LIBERDADE
SÓ SE VÊ VIOLÊNCIA (diferença do campo)
LUXO E VAIDADE

A CIDADE É MUITA BOA
MAS PRECISA TER MUITO CUIDADO
AS COISAS ESTÃO ACONTECENDO
EU FICO MAIS REVOLTADO
AS CRIANÇAS VIVE NAS RUAS
ISSO É COMPLICADO
AS MOÇINHAS ESTÃO SE PERDENDO
DEIXANDO SEUS PAIS HUMILHADOS

A VIDA PRA MIM NA CIDADE
PRA FICAR NÃO DÁ MAIS VONTADE
TEM MUITAS COISAS BOAS
MAS TAMBÉM MUITA FALSIDADE (sentimento)
E EU SOU UM CABOCLO DA ROÇA
PRECISO TER LIBERDADE
VOU VOLTAR PRA MINHA TERRA QUERIDA
POR QUE SINTO UMA? GRANDE SAUDADE

ATRIZ DE NOVELA-VANDO E VANDINHO

DEM CÁ MENINA DO CORPINHO DELICADO
VENHA ME DAR UM BEIJINHO
UM ABRAÇO APERTADO
MEU CORAÇÃO BATE TRISTE ACELERADO
SE VOCÊ NÃO ME DAR UM BEIJO
VOU MORRER APAIXONADO
MEU CORAÇÃO BATE TRISTE ACELERADO

ESTA MENINA, E EU ESTOU GOSTANDO DELA
ELA É TÃO BONITINHA É UMA ATRIZ DE NOVELA
**QUANDO ELA PASSA COM SEU JEITO SORRIDENTE
PARECE COMO UMA MISS DESFILANDO NA PASSARELA**

MENINA LINDA VOCÊ É MUITO AMOROSA
VOCÊ É TÃO CARINHOSA
É MEU AMOR ADORADO
**ONDE EU TE VEJO
VOCÊ NA TELEVISÃO
DEIXA MAIS APAIXONADO
MACHUCA MEU CORAÇÃO**

RIBAMAR E PRAIANINHA-EU E O CANÁRIO

NA IGREJINHA DA SERRA (lembança)
UM DIA EU ME CASEI
DIANTE DO ALTAR SAGRADO
MEU SOBRENOME EU LHE DEI
NA HORA DO CASAMENTO
UM CANARINHO CANTOU
CRESCER A MINHA ESPERANÇA
AO ENTREGAR A ALIANÇA
ME DEI MEU GRANDE AMOR

MAS DUROU TÃO POUCO TEMPO
AQUELA FELIZ UNIÃO
UM DIA ELA FOI EMBORA
ME DEIXOU NA SOLIDÃO
NA HORA QUE ELA SEGUIA
MOCINHO DA IGREJA TOCOU
PARA SER TRISTE A DESPEDIDA
NA HORA DA SUA PARTIDA
O CANÁRIO CANTOU

HOJE VIVO DISTANTE
SENTINDO TRISTEZA E DOR
ME SINTO IGUAL UM JARDIM
QUANDO LHE ROUBA A FLOR
DISTANTE VIVO SOFREDO
PORÉM NÃO VOU MAIS VOLTAR
NUNCA MAIS QUERO VER MINHA TERRA
NEM A IGREJINHA DA SERRA
NEM O CANÁRIO CANTAR

MOSTRA DE VIOLEIROS-JANDIRA-SP

DUO FLORESTA-CONTEMPLANDO A NATUREZA

DE MANHÃZINHA O SOL ROMPE A MADRUGADA
REÚNE A PASSARADA
REGORDEIA UM FESTIVAL
E A BORBOLETA VOANDO DE FLOR EM FLOR
FAZ IGUAL UM BEIJA-FLOR
QUE BELEZA SEM IGUAL
QUANDO O SOL BATE
REFLETINDO O SEU BRILHO
NUM RIACHO PEQUENINO
O CANARINHO FAZ SEU SHOW
**PARA COMPLETAR ESSE CENÁRIO DE BELEZA
MERGULHANDO COM DESTREZA
NO SEU BANHO MATINAL**

**AI, AI QUE VIDA BOA!
LEVANTO CEDO PARA FICAR MAIS TEMPO A TOA
AI, AI, QUE VIDA BOA!
ESTICO A REDE E MEU PENSAMENTO VOA**

A LARANJEIRA
SABIÁ COMI RAMINHO
COM CUIDADO FAZ SEU NINHO
ENTRE ESPINHOS E CIPÓS
E EU ALI OBSERVANDO SEU JEITINHO
VAI TRANÇANDO OS GALHINHOS
PARECENDO DAR UM NÓ
MINHA CASINHA
MUITO SIMPLES
MEU RANCHINHO
TAMBÉM FEITA COM CARINHO
ME ACONCHEGO E FICO SÓ.
**VIVENDO ASSIM
EU CONTEMPO A NATUREZA
E SUSPIRO CONCERTEZA
POIS UMA VIDA MELHOR.**

**AI, AI QUE VIDA BOA!
LEVANTO CEDO PARA FICAR MAIS TEMPO A TOA
AI, AI, QUE VIDA BOA!
ESTICO A REDE E MEU PENSAMENTO VOA.**

DEQUEIROZ-EU VOU CONTA DOS TEMPOS PASSADOS

EU VOU CONTAR PARA VOCÊS
O TEMPO QUE FICOU PRA TRÁS
QUE OS PAIS RESPEITAVAM OS FILHOS
E OS FILHOS RESPEITAVAM OS PAIS

OS PAIS MATA OS FILHOS
E OS FILHOS MATA OS PAIS
HOJE O TEMPO ESTÁ ASSIM
QUEM PODE MENOS CHORA MAIS

AS MULÉ DAQUELES TEMPO
NÃO USAVA SAIA JUSTA
OS VESTIDO ERAM RODADO
E NÃO TINHA AS MANGA CURTAS

A MULHER DE HOJE EM DIA
OS VESTIDO NÃO TEM MANGA
A SAIA SÓ DÁ UM PARMO
E É ASSIM QUE ELAS ANDA

AS MUIÉ DE HOJE EM DIA
JÁ NÃO PASSAM SEM BATOM
SAPATINHO SALTO ALTO
PRA ELAS ASSIM QUE É BOM
ELA PÕE A SAIA JUSTA
PARA SAI SE AMOSTRANDO
QUANDO ELA SAI NA RUA
SAI TODA SE REBOLANDO

UMA SORTA O CABELO
OUTRAS SE PINTAM DEMAIS
EU VO ENSINA UMA MODA
SEI QUE ELA JÁ NÃO GOSTA MAIS

A MODA É MUITO BOA E BONITA DEMAIS
NA FRENTE NÃO USA ROUPA
NEM TÃO POUCO ATRÁS

VEJA OS HOMENS DE HOJE
USA CALÇAS APERTADA
EMBAIXO QUE É LARGA
E PARECE SAIA RODADA
MUITA COISA ESTÁ MUDANDO
E OS HOMENS SE CONSOLA
MULHER DE CALÇA COMPRIDA
E OS HOMEM É QUEM REBOLA

TUDO VAI FICA AO CONTRÁRIO
É PORQUE OS HOMEM QUÉ
OS HOMEM É QUE VÃO FAZÉ
OS SERVIÇO DA MUIÉ
AS MUIÉ FAZEM DOS HOMEM
MAS SÓ QUE EU NÃO VOU GOSTA
MAS QUERO VER SÓ COMO É
QUE OS HOMEM
VÃO DAR DE MAMÁ.